

SÍNODO DOS BISPOS

**ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA
A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA**

AMAZÔNIA

**NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA
E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL**

**DOCUMENTO
DE TRABALHO**







Seguindo a proposta da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), o documento se estrutura com base nas três conversões às quais o Papa Francisco nos convida: a conversão pastoral, à qual nos chama por meio da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (ver-ouvir); a conversão ecológica, por meio da Encíclica *Laudato si'*, que orienta o rumo (julgar-agir); e a conversão à sinodalidade eclesial, mediante a Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, que estrutura o caminhar juntos (julgar-agir).





Instrumentum Laboris é fruto de um longo processo que inclui a redação do Documento Preparatório para o Sínodo, em junho de 2018, e uma ampla escuta às comunidades amazônicas.

A evangelização na América Latina foi um dom.
Apesar da conquista militar e política,
e para além da ganância e ambição dos conquistadores,
houve muitos missionários que partilharam sua vida
para transmitir o Evangelho.

Frequentemente o anúncio de Cristo se realizou em convivência
com os poderes que exploravam os recursos e oprimiam as populações.

Hoje em dia, a Igreja tem a oportunidade histórica
de diferenciar-se claramente das novas potências colonizadoras
escutando os povos amazônicos
para exercer com transparência seu papel profético.



*Pidamos ante todo al Espíritu Santo para los padres sinodales
el don de la escucha, escucha de Dios,
hasta escuchar con Él el clamor del pueblo, escucha del pueblo,
hasta respirar en él la voluntad a la que Dios nos llama.*

Constitución Apostólica Episcopalis Communio, Francisco, 2018.

I: A VOZ DA AMAZÔNIA	5
II: ECOLOGIA INTEGRAL, O clamor da terra e dos pobres	15
III: IGREJA PROFÉTICA NA AMAZÔNIA: Desafios e esperança	37





A VOZ DA AMAZÔNIA

*O rio não nos separa, nos une,
nos ajuda a conviver entre diferentes culturas e línguas*

1 - VIDA.....	8
2 - TERRITÓRIO.....	11
3 - TEMPO <i>KAIRÓS</i>	13
4 - DIÁLOGO.....	14

VIDA

“(Hoje se) exige que anunciemos Jesus Cristo e a Boa Nova do Reino de Deus, denunciemos as situações de pecado, as estruturas de morte, a violência e as injustiças internas e externas e fomentemos o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico.”

(Dap, 95)..

O Rio Amazonas é como uma artéria do continente e do mundo, flui como veias da flora e da fauna do território, como manancial de seus povos, de suas culturas e de suas expressões espirituais.

A bacia do Rio Amazonas e os bosques tropicais que a circundam nutrem os solos e regulam, por meio da reciclagem de precipitação, os ciclos da água, energia e carbono em nível planetário. O Rio Amazonas joga a cada ano no Oceano Atlântico 15% do total de água doce do planeta. A Amazônia é essencial para a distribuição das chuvas em outras regiões remotas da América do Sul e contribui com os grandes movimentos de ar ao redor do planeta. Mas, segundo alguns especialistas internacionais, a Amazônia é a segunda área mais vulnerável do planeta em relação à mudança climática provocada pelos seres humanos.

O território da Amazônia compreende parte do Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa em uma extensão de 7,8 milhões de quilômetros quadrados. Os bosques amazônicos cobrem 5,3 milhões de quilômetros quadrados, 40% do bosque tropical global. A Amazônia abriga entre 10 e 15% da biodiversidade terrestre.



O Bem Viver

A busca dos povos indígenas amazônicos pela vida em abundância se concretiza no que eles chamam de Bem Viver. É viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo. Esta compreensão da vida se caracteriza pela harmonia de relações entre a água, o território e a natureza, a vida comunitária e a cultura, Deus e as diversas forças espirituais. Estes povos falam da vida como um caminho rumo à Terra Sem Males ou em busca do Monte Santo.

Na Amazônia se sofre pela violação dos direitos dos povos originários, como o direito ao território, à autodeterminação, à demarcação dos territórios e à consulta e consentimento prévios.

A ameaça a este Bem Viver provém de interesses econômicos e políticos de setores dominantes de empresas extrativistas, com a permissividade – e muitas vezes a conivência – dos governos locais e nacionais. Na atualidade, desmatamento, incêndios, mudanças no uso do solo e contaminação estão levando a Amazônia a um ponto sem retorno. Aquecimento em torno de 4 graus centígrados e 40% de desmatamento conduzirão à desertificação da Amazônia, e é preocupante que hoje em dia já estejamos entre 15 e 20% de desmatamento.

Apropriad-se de nossos territórios para megaprojetos hidrelétricos, concessões florestais, monoculturas, rodovias e ferrovias...

Poluem nossas águas com indústrias extrativistas, projetos de mineração e de petrolíferas...

Narcotráfico, alcoolismo, violência contra as mulheres, prostituição, tráfico de pessoas...

Criminalizam e assassinam nossos líderes e defensores...



Defender a vida

Vida implica a defesa do território, de seus recursos ou bens naturais, a cultura dos povos e suas organizações, seus direitos e a possibilidade de serem escutados.

O Bem Viver implica uma comunhão com a natureza e uma integração com a história e o futuro. A destruição da Bacia Pan-Amazônica gera um desequilíbrio do território local e global. Isso afeta a reprodução da fauna e da flora e a produção, o acesso e a qualidade dos alimentos.

O cuidado com a vida supõe confrontar uma visão insaciável do crescimento sem limites, a idolatria do dinheiro, uma cultura de morte. A defesa da megadiversidade cultural da Amazônia é algo que não está resolvido no âmbito pastoral.

***Somos parte da natureza.
Somos água, ar e terra, vida criada por Deus.
A Mãe Terra tem sangue e está sangrando,
muitas multinacionais cortaram-lhe as veias.***



TERRITÓRIO

O território amazônico é um lugar teológico a partir do qual se vive a fé, uma fonte de revelação de Deus, um lugar de sabedoria para o planeta, de onde Deus fala. Na Amazônia se manifestam as carícias do Deus que se encarna na história.

Um olhar contemplativo, atento e respeitoso para os irmãos e irmãs, e também para a natureza, a irmã árvore, a irmã flor, as irmãs aves, os irmãos peixes e até para as irmãs pequenas como as formigas, as larvas, os fungos ou os insetos permite às comunidades amazônicas descobrir como tudo está conectado, valorizar cada criatura e ver a beleza de Deus revelando-se em todas elas.

O Papa Francisco, em Porto Maldonado, nos convida a defender esta região ameaçada, para preservá-la e restaurá-la para o bem de todos; ele nos dá esperança em nossas capacidades de construir o bem comum e a Casa Comum.

A Amazônia também é lugar de dor e violência. Há destruição ambiental, enfermidades e poluição de rios e terras, derrubada e queimada de árvores, perda massiva da biodiversidade, morte de espécies; tudo isso constitui uma crua realidade que nos interpela a todos e todas. O grito de dor da Amazônia é um eco do grito do povo escravizado no Egito e a quem Deus não abandona.

***Este território não é nosso, não é meu, não é seu,
é da geração que vem depois.***

Maritza Naforo, povo Huitoto



Território de esperança e do Bem Viver

A vida na Amazônia está integrada e unida ao território. Esta unidade compreende toda a existência: o trabalho, o descanso, as relações humanas, os ritos e as celebrações. Tudo é compartilhado os espaços privados típicos da modernidade são mínimos.

A vida das comunidades amazônicas ainda não afetadas pela influência da civilização ocidental se reflete na crença e nos ritos sobre o agir dos espíritos da divindade, chamada de múltiplas maneiras, com e no território, com e em relação à natureza. Esta cosmovisão se encontra no mantra de Francisco: Tudo está conectado.

Abusar da natureza é abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro. Tanto a cosmovisão amazônica como a cristã se encontram em crise pela imposição do mercantilismo, da secularização, da cultura do descarte e da idolatria do dinheiro. Esta crise afeta sobretudo os jovens e os contextos urbanos, que perdem as sólidas raízes da tradição.

***O viver bem depende de nossa harmonia não apenas com a natureza,
mas também com os seres humanos, como pessoas, como povos,
cada um respeitando sua maneira de ser.
A Terra não nos pertence, nós somos a Terra.***

Marcelo Munduruku



TEMPO KAIRÓS

A Amazônia está vivendo um momento de graça, um Kairós. O Sínodo da Amazônia é um sinal dos tempos em que o Espírito Santo abre novos caminhos que discernimos por meio de um diálogo recíproco entre todo o Povo de Deus. Há milhares de anos os povos amazônicos cuidam de sua terra, da água e da floresta, e as preservaram até hoje. Os novos caminhos de evangelização serão construídos em diálogo como estas sabedorias ancestrais que são sementes do Verbo.

A Igreja da Amazônia marcou sua presença com experiências significativas e de maneira original, criativa e inculturada. Seu programa evangelizador não corresponde a uma mera estratégia frente aos apelos da realidade: é a expressão de um caminho que responde ao Kairós que impulsiona o Povo de Deus a acolher seu Reino.

O Sínodo da Amazônia é um sinal de esperança para o povo amazônico, uma grande oportunidade para que a Igreja descubra a presença encarnada e ativa de Deus na espiritualidade dos povos originários, nas expressões da religiosidade popular, nas organizações populares que resistem aos grandes projetos e na proposta de uma economia sustentável e solidária.

A diversidade original – biológica, religiosa e cultural – que a região amazônica oferece evoca um novo Pentecostes.

***Nós tivemos violência estrutural e violência simbólica.
Os governos, os donos das empresas não estão aqui,
eles vivem muito bem em grandes cidades, em outros continentes,
ele não se importa que os indígenas, os camponeses estejam morrendo.***

Washington Tiwi



DIÁLOGO

O Papa Francisco nos apresenta a necessidade de um novo olhar, que abra caminhos de diálogo que nos ajudem a sair da trilha de autodestruição da crise socioambiental atual. É imprescindível realizar um diálogo intercultural no qual os povos indígenas sejam os principais interlocutores, sobretudo na hora de avançar em grandes projetos que afetam seus espaços. Este será o melhor caminho para transformar as históricas relações de exclusão e discriminação.

O diálogo busca a troca, o consenso e a comunicação, os acordos e as alianças, mas sem perder a preocupação com uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusão. O diálogo tem sempre uma opção preferencial pelos pobres, marginalizados e excluídos. As grandes questões da humanidade que surgem na Amazônia não encontrarão soluções na violência ou na imposição, mas por meio do diálogo e da comunicação.

São os povos da Amazônia, especialmente os pobres e os culturalmente diferentes, os principais interlocutores e protagonistas do diálogo. Eles nos confrontam com a memória do passado e com as feridas causadas durante longos períodos de colonização.

***Peço humildemente perdão,
não apenas pelas ofensas da própria Igreja
mas pelos crimes contra os povos originários
durante a conquista da América.***



Diálogo e aprendizagem

Existe um amplo e necessário campo de diálogo entre as espiritualidades, crenças e religiões amazônicas. O respeito a este espaço não significa relativizar as próprias convicções, mas reconhecer outros caminhos que buscam desentranhar o mistério inesgotável de Deus. A abertura não sincera ao outro, assim como uma atitude corporativista, que reserva a salvação exclusivamente para o próprio credo, são destrutivas para este mesmo credo. Assim Jesus explicou ao Doutor da Lei na parábola do Bom Samaritano. O amor vivido em qualquer religião agrada a Deus. Um diálogo em favor da vida está a serviço do futuro do planeta, da transformação de mentalidades estreitas, da conversão de corações endurecidos e da partilha de verdade com toda a humanidade.

Frequentemente a disposição para dialogar encontra resistências. Os interesses econômicos impedem toda tentativa de mudança e se impõem pela força. Nesses casos, as possibilidades de diálogo e de encontro são muito reduzidas, e em algumas situações até desaparecem.

Uma Igreja profética na Amazônia é aquela que dialoga, que sabe negociar e que, a partir da opção pelos pobres, busca propostas concretas em favor da ecologia integral. Uma Igreja com capacidade de discernimento e audácia diante dos abusos dos povos e da destruição de seus territórios, e que responde sem demora ao clamor da terra e dos pobres.

***Como reagir a isso? Com indignação profética.
E depois negociar, como o próprio Jesus sugere.***





ECOLOGIA INTEGRAL

O CLAMOR DA TERRA E DOS POBRES

*Hoje o pecado se manifesta com toda sua força de destruição
nas diversas formas de violência e maus-tratos,
no abandono dos mais frágeis, nos ataques à natureza*

Laudato si', 66

1 - DESTRUIÇÃO EXTRATIVISTA	18
2 - POVOS INDÍGENAS EM ISOLAMENTO VOLUNTÁRIO: AMEAÇAS E PROTEÇÃO.....	22
3 - MIGRAÇÃO	24
4 - URBANIZAÇÃO	26
5 - FAMÍLIA E COMUNIDADE	28
6 - CORRUPÇÃO.....	30
7 - A QUESTÃO DA SAÚDE INTEGRAL	32
8 - EDUCAÇÃO INTEGRAL	34
9 - A CONVERSÃO ECOLÓGICA	36

DESTRUIÇÃO EXTRATIVISTA

Provavelmente os povos originários amazônicos nunca estiveram tão ameaçados em seus territórios como estão agora, como disse o Papa Francisco em Porto Maldonado. O extrativismo está destruindo este território, que corre o risco de tornar-se uma savana.

A Amazônia está sendo disputada por várias frentes. Uma responde aos grandes interesses econômicos, ávidos por petróleo, gás, madeira, ouro, monoculturas agroindustriais. Outra é o conservacionismo ecológico que se preocupa com a natureza, mas ignora os povos amazônicos. Ambas produzem feridas na terra e em seus povos. Os clamores amazônicos refletem três grandes causas de dor:

Falta de reconhecimento, de demarcação e de titulação dos territórios indígenas

Hidrelétricas, mineração legal e ilegal, hidrovias, monocultura, agroindústrias são projetos destrutivos, muitos deles apoiados pelos governos locais, nacionais e estrangeiros.

Poluição de rios, solos e ar, desmatamento e deterioração da qualidade de vida, culturas e espiritualidades.



Ecologia integral

Os seres humanos somos parte dos ecossistemas que facilitam as relações geradoras de vida para nosso planeta, por isso é essencial o cuidado com estes ecossistemas. E é fundamental para promover a dignidade da pessoa humana, o bem comum da humanidade e o cuidado ambiental. Uma verdadeira abordagem ecológica se converte sempre em abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, para escutar tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres. Isto é a Ecologia Integral.

As comunidades originárias são interlocutores indispensáveis, são quem cuida de seus territórios, as que melhor compartilham esta perspectiva de integralidade ecológica. Toda a atividade da igreja na Amazônia deve partir da integralidade do ser humano: vida, território e cultura. É preciso compreender também a transmissão da experiência ancestral dos povos indígenas, tanto de suas cosmologias como de suas espiritualidades e teologias em torno do cuidado com a Casa Comum.

***Nossos antepassados lutaram por estes rios e
por estes territórios para poder deixar um mundo melhor
para nossos filhos e nossas filhas.
Nesta luta devemos confiar na força de Deus.***



Não à destruição da Amazônia

Um atentado contra os direitos humanos é a penalização dos protestos contra a destruição do território e de suas comunidades, já que algumas leis da região as qualificam como ilegais. Outro abuso é a recusa generalizada dos estados em implementar o direito de consulta prévia aos grupos indígenas e locais antes de estabelecer concessões e contratos de exploração territorial, ainda que este direito esteja explicitamente reconhecido pela Organização Internacional do Trabalho, Convênio 169.

O drama dos habitantes da Amazônia não se manifesta apenas na perda de suas terras por causa do deslocamento forçado, mas também em ser vítimas da sedução do dinheiro, os subornos e a corrupção dos agentes do modelo tecnocômico da cultura do descarte, especialmente nos jovens.

A derrubada massiva de árvores, o extermínio da floresta tropical por incêndios florestais deliberados e a expansão da fronteira agrícola são causa dos atuais desequilíbrios regionais do clima, com efeitos evidentes no clima global, com dimensões planetárias tais como as grandes secas e inundações cada vez mais frequentes.

***Não podemos crescer sem floresta, não vivemos,
não vamos acabar com a natureza.
Ela dá vida para todos.***

Tudá Kanamary, povo Kanamary



Sugestões



- * *Ter presente que devemos aos povos originários, há milhares de anos, o cuidado e o cultivo da Amazônia.*
- * *Assumir como parte da missão da Igreja o cuidado com a Casa Comum, propondo linhas de ação institucionais para o respeito com o ambiente.*
- * *Projetar programas de formação formais e informais sobre o cuidado com a Casa Comum para seus agentes pastorais e abertos para toda a comunidade.*
- * *Denunciar a violação dos direitos humanos e a destruição extrativista*

POVOS INDÍGENAS EM ISOLAMENTO VOLUNTÁRIO

Os Povos Indígenas em Isolamento Voluntário são os mais vulneráveis entre os vulneráveis. Na Amazônia existem entre 110 e 130 distintos Povos Indígenas em Isolamento Voluntário ou Povos Livres, vivendo à margem da sociedade ou em contato esporádico com ela. Não conhecemos seus nomes próprios, idiomas ou culturas. Escolheram isolar-se por terem sofrido traumas anteriores; outros foram violentamente forçados a isso pela exploração econômica da Amazônia.

Os Povos em Isolamento Voluntário são vulneráveis diante das ameaças provenientes dos setores da agroindústria e aqueles que exploram clandestinamente minerais, madeiras e outros recursos naturais. São vítimas do narcotráfico, dos megaprojetos de infraestrutura, como as hidrelétricas e rodovias internacionais, e das atividades ilegais vinculadas ao modelo de desenvolvimento extrativista.

A violência contra as mulheres destes povos aumentou por causa dos colonos, madeireiros, soldados e funcionários das empresas extrativistas – homens, em sua maioria.

90% dos indígenas assassinados nas populações isoladas foram mulheres.



Sugestões



- * *Exigir dos respectivos governos a garantia dos recursos necessários para a proteção efetiva dos povos indígenas isolados e de seus territórios.*
- * *Reivindicar a aplicação do direito internacional, das Recomendações específicas da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA e aquelas contidas no último capítulo do Informe dos Povos Indígenas em Isolamento Voluntário e em Contato Inicial nas Américas.*
- * *Reivindicar o censo, a demarcação e a proteção das áreas/reservas naturais onde eles vivem, para prevenir a invasão de seus territórios.*
- * *Formar equipes específicas nas dioceses e paróquias para planejar uma pastoral de conjunto nas regiões de fronteira, informando os povos indígenas e cidadãos sobre sua situação e direitos.*

MIGRAÇÃO

Na Amazônia, o fenômeno migratório em busca de uma vida melhor tem sido uma constante histórica. Há migração pendular – vão e vêm –, deslocamento forçado dentro do mesmo país e para o exterior, migração voluntária de áreas rurais para as cidades e migração internacional, geralmente voluntária.

A Amazônia figura entre as regiões da América Latina com maior mobilidade interna e internacional. Existem causas sociopolíticas, climáticas, de perseguição étnica e econômicas. Estas últimas são induzidas, em sua maioria, pelos mega-projetos e empresas extrativistas. Devido a estas causas, a região se converteu de fato em um corredor migratório.

O movimento migratório, desassistido política e pastoralmente, contribuiu para a desestabilização social das comunidades amazônicas. As cidades da região, que recebem permanentemente um grande número de pessoas migrantes, não conseguem proporcionar os serviços básicos de que os migrantes necessitam. Isso tem levado muitas pessoas a vagar e dormir em centros urbanos sem trabalho, sem comida e sem teto.

***Nós jovens nos deslocamos em busca de emprego
para ajudar a manter o que resta da família,
Abandonamos os estudos e suportamos todo tipo de abuso e exploração,
E somos vítimas do tráfico de drogas, tráfico de pessoas ou prostituição***



Sugestões



- * *Compreender os mecanismos que levaram ao crescimento desproporcional dos centros urbanos e ao esvaziamento do interior.*
- * *Trabalhar em equipe, cultivando uma mística missionária, coordenada por pessoas com competências diversas e complementares, para uma ação eficaz.*
- * *Articular um serviço de acolhida em cada comunidade urbana para as necessidades urgentes dos migrantes e oferecer proteção frente ao perigo das máfias.*
- * *Promover projetos de agricultura familiar nas comunidades rurais.*
- * *Pressionar, como comunidade eclesial, os poderes públicos, para que respondam às necessidades e direitos dos migrantes.*
- * *Promover a integração entre migrantes e comunidades locais, respeitando a identidade cultural própria.*

URBANIZAÇÃO

A Amazônia é o pulmão do planeta, mas a devastação da região provocou um grande deslocamento da população em busca de uma vida melhor. Segundo as estatísticas, a população urbana da Amazônia aumentou exponencialmente. Atualmente, entre 70 e 80% da população mora nas cidades, carecendo de infraestrutura e recursos públicos necessários para atender às necessidades da vida urbana.

A urbanização modifica hábitos, costumes e formas tradicionais de viver. A cultura, a religião, a família, a educação, o emprego e outros aspectos da vida mudam rapidamente para responder aos novos apelos da cidade. O projeto de introduzir a Amazônia no mercado globalizado produziu mais exclusão, bem como a urbanização da pobreza.

- *Aumento da violência em todos os sentidos, abuso e exploração sexual.*
- *Tráfico de armas e consumo de drogas.*
- *Desestruturação familiar.*
- *Conflitos culturais e falta de sentido da vida.*
- *Ineficiência dos serviços de saúde, educação e abandono escolar.*
- *Falta de respeito ao direito à autodeterminação e à autonomia das populações.*
- *Falta de resposta do poder público sobre infraestrutura e promoção do emprego.*
- *Corrupção administrativa.*



Sugestões



- * *Promover um entorno urbano onde se revitalizem os espaços públicos, com praças e centros culturais bem distribuídos.*
- * *Promover o acesso universal à educação e à cultura.*
- * *Promover a conscientização ambiental e a reciclagem do lixo, evitando queimá-lo.*
- * *Promover um sistema de saneamento do ambiente e de acesso universal à saúde.*
- * *Discernir como ajudar a valorizar mais a vida rural, com alternativas de sobrevivência como a agricultura familiar.*
- * *Gerar espaços de interação entre a sabedoria dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas inseridos na cidade e a sabedoria da população urbana, para conseguir diálogo e integração em torno do cuidado com a vida.*

FAMÍLIA E COMUNIDADE

As famílias têm conhecimentos e práticas milenares em distintos campos, como agricultura, medicina, caça e pesca, em harmonia com Deus, com a natureza e com a comunidade. Nelas se transmite o amor pela terra, a reciprocidade, a solidariedade, a simplicidade, o trabalho comunitário, a medicina e a educação ancestral. As cores, vestimentas, alimentação, línguas e ritos fazem parte desta herança transmitida em família.

A família na Amazônia tem sido vítima do colonialismo do passado e do neocolonialismo no presente. A imposição de um modelo cultural ocidental inculcou um certo desprezo pelo povo e pelos costumes do território amazônico, inclusive qualificando-os como selvagens ou primitivos. O modelo econômico ocidental extrativista afeta as famílias amazônicas quando destrói seu entorno, forçando-as a migrar para as cidades e suas periferias.

As mulheres, no seio familiar, suportamos a violência intrafamiliar, há crianças com pais ausentes e cresce o número de gravidezes de adolescentes e de abortos. Na cidade muitas famílias sofrem pobreza, precariedade da moradia, falta de trabalho consumo de drogas e de álcool, discriminação e suicídio juvenil. Na vida familiar perdemos o diálogo entre as gerações, as tradições e a linguagem.



Sugestões



- * *Respeitar o modo próprio de organização comunitária, acompanhando processos que partam do clã familiar para promover o bem comum.*
- * *Escutar o canto que se aprende em família como modo de expressar a profecia no mundo amazônico.*
- * *Promover o papel da mulher, reconhecendo seu lugar fundamental na continuidade das culturas, na espiritualidade, nas comunidades e famílias. É necessário repensar o papel da liderança feminina dentro da Igreja.*
- * *Articular uma pastoral familiar que siga as indicações da Exortação Apostólica Amoris laetitia. Uma pastoral sacramental que fortaleça todos e todas, sem excluir ninguém, na qual a família seja sujeito e protagonista.*

CORRUPÇÃO

Há dois tipos de corrupção na Amazônia: a que existe fora da lei e a que se ampara em uma legislação que atraiçoa o bem comum. Nas últimas décadas se acelerou a exploração das riquezas da Amazônia pelas grandes companhias. Estas buscam o lucro a qualquer custo, sem se importarem com o dano socioambiental que provocam. Os governos autorizam tais práticas e nem sempre cumprem seu dever de resguardar o ambiente e os direitos de suas populações.

Assim, a corrupção atinge as autoridades políticas, jurídicas, legislativas, sociais e religiosas que recebem benefícios para permitir a ação destas companhias. Cria-se, assim, uma cultura que envenena o Estado e suas instituições, permeando todos os estratos sociais, inclusive as comunidades indígenas. Trata-se de um verdadeiro flagelo moral, que faz perder a confiança nas instituições e em seus representantes, o que desprestigia totalmente a política e as organizações sociais. Os povos amazônicos não são alheios à corrupção, mas se convertem em suas principais vítimas.

***Três palavras: não roubar, não mentir e não vagabundar,
com isso nos deram força como indígenas
para termos forças e avançar.***

Carmen Nango, povo kicwha



Sugestões



- * *Dar atenção especial à procedência de doações ou outro tipo de benefícios, assim como aos investimentos feitos pelas instituições eclesiais ou pelos cristãos.*
- * *As Conferências Episcopais devem oferecer assessoria frente à corrupção generalizada.*
- * *Faz-se necessária uma análise atenta sobre a ação do narcotráfico.*
- * *Implementar uma preparação adequada do clero para enfrentar a complexidade dos problemas urgentes vinculados à corrupção.*
- * *Formar leigos e leigas para uma presença pública significativa na política, na economia, na vida acadêmica e em toda forma de liderança.*
- * *Acompanhar os povos em suas lutas pelo cuidado com seus territórios e pelo respeito aos seus direitos.*
- * *Discernir como se gera e se investe o dinheiro na Igreja, superando posturas ingênuas por meio de um sistema de administração e auditoria comunitárias, respeitando a normativa eclesial vigente.*
- * *Acompanhar as iniciativas da Igreja com outras instâncias, para exigir das empresas que assumam responsabilidades sobre os impactos socioeconômicos de suas ações, segundo os parâmetros jurídicos de cada Estado.*

A QUESTÃO DA SAÚDE INTEGRAL

A Amazônia é um território saudável em sua longa e frutífera história. As enfermidades foram chegando pela mobilidade das pessoas, pela invasão de indústrias poluidoras sem controle e diante da total indiferença das autoridades da saúde pública, e pelos efeitos das mudanças climáticas. O modelo de desenvolvimento que se limita somente a explorar economicamente a riqueza florestal, mineral e hidrocarbonífera da Pan-Amazônia afeta a saúde dos territórios amazônicos, de suas comunidades e de todo o planeta.

Os povos amazônicos têm direito à saúde e à vida saudável, o que supõe harmonia com o que a Mãe Terra nos oferece.

A poluição ambiental danificou tanto a natureza como os habitantes da Amazônia. O contato com novos elementos tóxicos provoca a aparição de novas enfermidades desconhecidas até agora pelos curandeiros anciãos. Tudo isso põe em risco aquela sabedoria ancestral. A riqueza da flora e da fauna da selva contém verdadeiras bibliotecas vivas e princípios genéticos inexplorados. O desmatamento amazônico impedirá que contemos com estas riquezas, empobrecendo as próximas gerações.

- As indústrias farmacêuticas patenteiam nossas plantas amazônicas e produzem medicamentos com elas, e depois os vendem muito caro para nós



Sugestões



- * *Propõe-se ajudar os povos da Amazônia a manter, recuperar, sistematizar e divulgar seu saber ancestral para promover a saúde integral.*
- * *Promover o acesso aos medicamentos que curam as novas enfermidades.*
- * *Exigir dos governos uma estrita regulamentação das indústrias e denunciar aquelas que poluem o ambiente.*
- * *Sugere-se gerar espaços de trocas e acompanhamento educativo para recuperar os hábitos do “bem viver”, gerando assim uma cultura do cuidado e da prevenção.*
- * *Avaliar os hospitais e centros de saúde da Igreja, para que sejam acessíveis para todos os habitantes, incorporando a medicina popular em seus programas de saúde.*

EDUCAÇÃO INTEGRAL

A educação na Amazônia não significa impor aos povos amazônicos os nossos parâmetros culturais, filosofias, teologias, liturgias e costumes alheios a eles. Hoje, algumas pessoas se deleitam culpando os pobres e os países pobres pelos seus próprios males, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar soluções em uma educação que os acalme e converta em seres domesticados e inofensivos.

Torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento em valores. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo. Uma educação baseada somente em soluções técnicas para problemas ambientais complexos esconde os verdadeiros e mais profundos problemas do sistema mundial. É, então, uma educação para a solidariedade, nascida da “consciência de uma origem comum” e de “um futuro compartilhado por todos”.

Os povos indígenas têm um método de ensino-aprendizagem baseado na tradição oral e na vivência prática. O desafio é integrar este método no diálogo com outras propostas educativas, com vistas a promover uma cidadania ecológica. Esta educação une o compromisso de cuidado com a terra e o compromisso com os pobres, e suscita atitudes de sobriedade e respeito vividas por meio de uma austeridade responsável.

Bem Viver, Bem Conviver ... e Bem Fazer



Sugestões



- * *Incluir nas escolas programas educativos que respeitem as línguas nativas próprias e uma educação integral que combata a deserção escolar e o analfabetismo, sobretudo o feminino.*
- * *Promover nas universidades o enfoque da Ecologia Integral.*
- * *Evitar a mentalidade clerical na formação dos agentes pastorais.*
- * *Integrar os candidatos ao sacerdócio nas comunidades, reformando a estrutura e a disciplina dos seminários que favorecem o clericalismo. Para isso, se sugere integrar a teologia indígena e a ecoteologia, de forma a prepará-los para a escuta e o diálogo aberto lá onde acontece a evangelização.*
- * *Pede-se o ensino da teologia indígena pan-amazônica em todas as instituições educativas, para uma maior e melhor compreensão da espiritualidade indígena a partir de seus mitos, tradições, símbolos, saberes, ritos e celebrações, de maneira a evitar cometer os erros históricos que atropelaram muitas culturas originárias.*

A CONVERSÃO ECOLÓGICA

A conversão ecológica implica reconhecer a cumplicidade pessoal e social nas estruturas de pecado, desmascarando as ideologias que justificam um estilo de vida que agride a criação. Requer de nós um olhar crítico e autocrítico que nos permita identificar aquilo que danifica a criação. Necessitamos fazer um caminho interior para reconhecer as atitudes que impedem nossa conexão com nós mesmos, com os demais e com a natureza.

Para a Igreja, este apelo implica desaprender, aprender e reaprender. Este caminho requer um olhar crítico e autocrítico que nos permita identificar aquilo que danifica a Casa Comum e seus povos.

Este processo continua deixando-se surpreender pela sabedoria dos povos indígenas. Sua vida cotidiana é um testemunho de contemplação, cuidado e relação com a natureza. Nosso olhar para a realidade amazônica nos fez apreciar a obra de Deus na criação e em seus povos, mas também a presença do mal em diversos níveis:

- Uma mentalidade colonialista que persiste até os dias de hoje.
- Uma economia baseada no lucro que atropela os mais frágeis e a natureza.
- Uma mentalidade utilitarista que concebe a Natureza como recurso e os seres humanos como produtores-consumidores.
- Um individualismo que debilita os vínculos comunitários, eclipsando a responsabilidade para com o próximo, a comunidade e a natureza.
- O desenvolvimento tecnológico que manipula a natureza e despersonaliza os seres humanos. O Papa Francisco chama isso de paradigma tecnocrático, que produz uma “cultura do descarté”.

Sugestões



- * *Desmascarar as novas formas de colonialismo presentes na Amazônia.*
- * *Identificar e analisar criticamente as novas ideologias que justificam o ecocídio amazônico.*
- * *Identificar e analisar criticamente as razões pelas quais justificamos nossa participação como Igreja nas estruturas de pecado.*
- * *Promover o consumo justo e a feliz sobriedade, que respeite a natureza e os direitos dos trabalhadores. Comprar é sempre um ato moral, e não apenas econômico.*
- * *Promover hábitos de comportamento, de produção e consumo, de reciclagem e reutilização de resíduos.*
- * *Recuperar e atualizar mitos, ritos e celebrações comunitárias que contribuam significativamente com o processo de conversão ecológica.*
- * *Criar itinerários pastorais orgânicos para a proteção da Casa Comum, a partir da ecologia integral e tendo como guia os capítulos 5 e 6 da Encíclica Laudato sí'.*
- * *Reconhecimento formal, pela Igreja particular, do ministério especial exercido pelo agente pastoral que promove o cuidado com a Casa Comum.*



IGREJA PROFÉTICA NA AMAZÔNIA DESAFIOS E ESPERANÇA

*Não esqueçamos que frequentemente a tarefa da Igreja
se assemelha a um hospital de campanha.*

Amoris Laetitia, 291

1 - IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO E MISSIONÁRIO	40
2 - DESAFIOS DA INCULTURAÇÃO E DA INTERCULTURALIDADE	42
3 - A CELEBRAÇÃO DA FÉ: UMA LITURGIA INCULTURADA	46
4 - A ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES	48
5 - A EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES	50
6 - DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO	52
7 - MISSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	54
8 - O PAPEL PROFÉTICO DA IGREJA E DA PROMOÇÃO HUMANA INTEGRAL	56

IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO E MISSIONÁRIO

O rosto amazônico da Igreja encontra sua expressão na pluralidade de seus povos, culturas e ecossistemas. Esta diversidade necessita da opção por uma Igreja missionária, em saída, encarnada em todas as suas atividades, expressões e linguagens. O Papa Francisco expressa claramente esta necessidade de uma Igreja inculturada e intercultural.

Necessitamos que os povos originários moldem culturalmente as Igrejas amazônicas locais. O rosto amazônico é o de uma Igreja com clara opção pelos pobres e com os pobres e pelo cuidado com a criação. A partir dos pobres e da atitude de cuidado com os bens de Deus, são abertos novos caminhos para a Igreja local, que seguem em direção à Igreja universal.

Uma Igreja com rosto amazônico deixa para trás uma tradição colonial, monocultural, clerical e impositiva, e sabe discernir e assumir sem medo as diversas expressões culturais dos povos. Este rosto nos adverte sobre o risco de pronunciar uma palavra única ou propor uma solução com valor universal.

Uma Igreja com rosto amazônico possui uma dimensão eclesial e política, de desenvolvimento social, ecológico e pastoral, muitas vezes conflitiva.

Uma Igreja participativa se faz presente na vida social, política, econômica, cultural e ecológica de seus habitantes.

Uma Igreja criativa acompanha com seu povo a construção de novas respostas às necessidades urgentes.



Um rosto inculturado e missionário

Os impulsos e inspirações importantes para essa desejada inculturação encontram-se no magistério da Igreja e no caminho eclesial latino-americano, na caminhada de suas Conferências Episcopais (Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida), de suas comunidades, da teologia latino-americana, em especial a Teologia Indígena, e de seus santos e mártires.

A vida na Amazônia, entretecida pela água, o território e as identidades e espiritualidades de seus povos, convida ao diálogo e ao aprendizado de sua diversidade biológica e cultural. A Igreja participa e gera processos de aprendizagem que abrem caminhos para uma formação permanente sobre o sentido da vida, integrada a seu território e enriquecida por sabedorias e experiências ancestrais.

Estes processos convidam a responder, com honradez e estilo profético, ao clamor pela vida dos povos e da terra amazônica. Isto implica um renovado sentido da missão da Igreja na Amazônia, que, partindo do encontro com Cristo, abre espaços para recriar ministérios adequados a este momento histórico. É o momento de escutar a voz da Amazônia e responder como Igreja profética e samaritana.

A cultura, a língua e o território são as três coisas de que um povo indígena necessita.

Queremos que a Igreja nos acompanhe em algo essencial para podermos sobreviver e manter nossas culturas: a formação de líderes, no compromisso e empoderamento de nossas comunidades.

Jeremias Oliveira, povo Mura



DESAFIOS DA INCULTURAÇÃO E DA INTERCULTURALIDADE

A missão da Igreja é anunciar o Evangelho de Jesus de Nazaré, o Bom Samaritano, que se compadece da humanidade ferida e abandonada. A Igreja tentou cumprir este mandato missionário encarnando e traduzindo a mensagem do Evangelho nas diferentes culturas, em meio a dificuldades políticas, culturais e geográficas de todo tipo.

Missionários e missionárias têm uma história de profunda relação com esta região. Deixaram pegadas profundas na alma do povo católico da Amazônia. A Igreja percorreu um longo caminho que deve ser aprofundado e atualizado até chegar a ser uma Igreja com rosto indígena e amazônico. No entanto, como emerge dos encontros territoriais, existe uma ferida ainda aberta causada por posturas de dominação. Por seu silêncio, a Igreja foi percebida como cúmplice. O episcopado latino-americano em Puebla aceitou a existência de um enorme processo de dominação cheio de contradições e dilaceramentos. Em Aparecida os bispos pediram para descolonizar as mentes. Como ainda persiste uma mentalidade eclesial colonial e patriarcal, é necessário aprofundar um processo de conversão e reconciliação.

***Vamos trabalhar junto com o povo,
reconhecer Deus no meio do povo,
esse Deus que é Pai e Mãe para todos,
e que nos chama a uma missão:
defender a vida, também a das futuras gerações.
Às vezes nossa concepção na formação
é ter uma paróquia, prestígio.
Se Jesus estivesse aqui, lutaria para defender a água,
o território, o que produz vida.***

Jesús Benavides – Diácono

Sugestões



- * *As comunidades consultadas esperam que a Igreja se comprometa com o cuidado com a Casa Comum e seus habitantes, “[...] defenda os territórios, que ajude os povos indígenas a denunciar o que provoca morte e ameaça os territórios. Isso supõe um processo de conversão pastoral e missionária.*
- * *Da homogeneização cultural colonizadora para o reconhecimento do valor das culturas amazônicas e sua promoção.*
- * *Da aliança com a cultura dominante e o poder político e econômico para a promoção das culturas e dos direitos dos indígenas, dos pobres e do território.*
- * *Do clericalismo para uma Igreja onde se viva a fraternidade e o serviço como valores evangélicos que determinam a relação entre a autoridade e os membros da comunidade.*
- * *De regras que às vezes não levam suficientemente em conta a vida concreta das pessoas e a realidade pastoral, para um hospital de campanha que vá ao encontro das necessidades reais dos povos e culturas indígenas.*

A evangelização nas culturas

Temos que captar o que o Espírito do Senhor tem ensinado a estes povos ao longo dos séculos: a fé em Deus Pai-Mãe Criador, o sentido de comunhão e harmonia com a terra, o sentido de solidariedade com seus companheiros, o projeto do bem viver, a sabedoria das civilizações milenares que os anciãos possuem e influencia na saúde, na convivência, na educação, no cultivo da terra, na relação viva com a natureza e a Mãe Terra, na capacidade de resistência e resiliência, em especial das mulheres, nos ritos e expressões religiosas, nas relações com os antepassados, na atitude contemplativa, no sentido de gratuidade, celebração e festa e no sentido sagrado do território.

A inculturação da fé não é um processo de cima para baixo nem uma imposição exterior, mas sim um mútuo enriquecimento das culturas em diálogo intercultural. O sujeito ativo da inculturação são os próprios povos indígenas.

O problema é que a Igreja não conhece nossa cultura, se nos conhecesse, saberia que lutamos pela mesma coisa, que reconhecemos Deus, Pai e Mãe Criador, que não apenas nos deu tudo, mas nos pede que todos vivamos bem e em harmonia.

Santiago Yahuarcani



Sugestões



- * *Reconhecer a espiritualidade indígena como fonte de riqueza para a experiência cristã, a partir do Cristo vivo, morto e ressuscitado.*
- * *Praticar uma catequese que assuma a linguagem narrativa dos povos originários, em sintonia com as narrativas bíblicas.*
- * *Fomentar uma pregação homilética em estilo narrativo, que responda às experiências vitais e à realidade socioambiental, considerando a própria cosmovisão integral indígena.*
- * *Tornar os povos indígenas presentes nos meios de comunicação de massa, com suas próprias línguas e conteúdos alternativos.*
- * *Criar novas emissoras radiofônicas da Igreja, que sejam promotoras do Evangelho e das culturas, tradições e línguas originárias.*

A CELEBRAÇÃO DA FÉ, UMA LITURGI A INCULTURADA

Propõe-se a inculturação da liturgia nos povos indígenas. É necessário atrever-se a encontrar novos sinais, novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza valorizadas em diferentes âmbitos culturais. Sem esta inculturação, a liturgia pode ser reduzida a uma peça de museu ou uma propriedade de poucos.

A celebração da fé deve realizar-se de maneira inculturada para que seja expressão da própria experiência religiosa e vínculo de comunhão da comunidade que celebra. Uma liturgia inculturada será também caixa de ressonância das lutas e aspirações das comunidades e impulso transformador rumo à Terra Sem Males.

*Vocês têm Deus, nós temos Omama,
ela criou a vida, criou os ianomâmis, permite tudo o que acontece.
Nós nos comunicamos com ela permanentemente.*

Miguel Xapuri – Ianomâmi



Sugestões



- * *Assumir no ritual litúrgico e sacramental, especialmente no batismo e matrimônio, os ritos, símbolos e estilos celebrativos das culturas indígenas em contato com a natureza.*
- * *Realizar celebrações festivas com música e dança próprias, em línguas e vestimentas autóctones, em comunhão com a natureza e com a comunidade.*
- * *Mudar os critérios para selecionar e preparar os ministros autorizados a celebrar a eucaristia, para assim poder celebrá-la com maior frequência.*
- * *Adaptar o ritual eucarístico às culturas, em função de uma saudável descentralização da Igreja.*
- * *Acompanhar a fé do povo simples que se expressa em orações, imagens, símbolos, tradições, peregrinações, visitas a santuários, procissões e festas patronais.*

A ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES

A Igreja deve se encarnar nas culturas amazônicas que possuem um alto sentido de comunidade, igualdade e solidariedade, razões pelas quais não aceitam o clericalismo em suas diversas manifestações. Os povos originários possuem uma rica tradição de organização social na qual a autoridade é rotativa e com um profundo sentido de serviço.

As distâncias geográficas manifestam também distâncias culturais e pastorais que, por isso, exigem a passagem de uma “pastoral de visita” para uma “pastoral de presença”, para reconfigurar a Igreja local em todas as suas expressões: ministérios, liturgia, sacramentos, teologia e serviços sociais.

Sugestões

- * *Promover vocações autóctones de homens e mulheres como resposta às necessidades de atenção pastoral e sacramental, ou seja, indígenas que preguem para indígenas a partir de um profundo conhecimento de sua cultura e língua.*
- * *Estudar a possibilidade de ordenação sacerdotal de pessoas mais velhas respeitadas e aceitas pela sua comunidade, preferencialmente indígenas, mesmo que tenham família constituída, de maneira a garantir os sacramentos que acompanham a vida cristã.*
- * *Identificar o tipo de ministério oficial que pode ser conferido às mulheres, dado o papel central que desempenham hoje na Igreja amazônica.*
- * *Valorizar o protagonismo dos cristãos leigos e leigas e oferecer-lhes caminhos de formação integral para assumirem seu papel de animadores de comunidades, com credibilidade e corresponsabilidade.*
- * *Criar itinerários formativos com enfoque amazônico, à luz da Doutrina Social da Igreja, em especial nos âmbitos de cidadania e política.*
- * *Abrir novas formas de processos sinodais, com a participação de todos os fiéis, com vistas à organização da comunidade cristã para viver a fé.*

* Valorizar a presença feminina nas comunidades e reconhecer as mulheres a partir de seus carismas e talentos, garantindo sua liderança e espaços cada vez mais amplos e relevantes na área formativa: teologia, catequese, liturgia, escolas de fé e política. Escutar a voz das mulheres, que elas sejam consultadas e participem na tomada de decisões, e possam assim contribuir com sua sensibilidade para a sinodalidade eclesial. Que a Igreja acolha cada vez mais o estilo feminino de agir e de compreender os acontecimentos.

* Promover uma vida consagrada alternativa e profética, intercongregacional, interinstitucional, com um sentido de disposição para estar onde ninguém quer estar e com quem ninguém quer estar. Os religiosos e religiosas que vêm de fora devem partilhar da vida local com o coração, cabeça e mãos, para desaprender modelos, receitas, esquemas e estruturas preestabelecidas, e assim aprender línguas, culturas e tradições de sabedorias, cosmologias e mitologias autóctones.

* Recomenda-se que a formação para a vida religiosa inclua processos formativos focados na interculturalidade, inculturação e diálogo entre espiritualidades e cosmovisões amazônicas.

* Dialogar com os jovens para escutar suas necessidades. Acompanhar processos de transmissão e recepção da herança cultural e linguística nas famílias, para superar as dificuldades na comunicação intergeracional. Promover programas para fortalecer sua identidade cultural frente à perda de valores, idiomas e relação com a natureza, e programas para ajudá-los a dialogar com a cultura urbana moderna.

* Coordenar o trabalho das dioceses que se encontram nas fronteiras dos países amazônicos, uma ação pastoral conjunta entre as Igrejas fronteiriças para enfrentar problemas comuns, como a exploração do território, a delinquência, o narcotráfico, o tráfico de pessoas, a prostituição.

* Incentivar e fortalecer o trabalho em redes como caminho de ação pastoral, social e ecológica mais eficaz, dando continuidade ao serviço da REPAM. Criar um fundo econômico de apoio à evangelização, promoção humana e ecologia integral, sobretudo para a implementação das propostas do Sínodo.

* Considerar a necessidade de uma estrutura episcopal amazônica que efetive a aplicação do Sínodo

A EVANGELIZAÇÃO NAS CIDADES

A Igreja necessita estar em diálogo com a realidade urbana, que exige respostas diferentes e criativas. É necessário que os sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas dos diferentes ministérios, movimentos, comunidades e grupos de uma mesma cidade ou diocese estejam unidos na realização de uma ação missionária conjunta, inteligente e capaz de unir forças.

O indígena na cidade é um migrante, um ser humano sem-terra, um sobrevivente de uma batalha histórica pela demarcação de sua terra, com sua identidade cultural em crise. Nos centros urbanos, os organismos governamentais frequentemente fogem à responsabilidade de garantir-lhes seus direitos, negando sua identidade e condenando-os à invisibilidade. As paróquias, por sua vez, ainda não assumiram sua plena responsabilidade no mundo multicultural que espera uma pastoral específica, missionária e profética.

Um fenômeno importante a considerar é o vertiginoso crescimento das recentes igrejas evangélicas de origem pentecostal, especialmente nas periferias. Tudo isso nos leva a perguntar: Que estrutura paroquial pode responder melhor ao mundo urbano, no qual o anonimato, a influência dos meios de comunicação e a evidente desigualdade social reinam de maneira suprema? Que tipo de educação formal e informal as instituições católicas podem promover?

Cada vez mais os sacerdotes nos seminários recebem menos formação social.

Cada vez mais há acomodação.

Se não muda a visão nos seminários, a Igreja não mudará.



Sugestões



- * *Promover, nas diferentes atividades pastorais da paróquia, uma pastoral específica para os indígenas que vivem na cidade, com acompanhamento e formação, valorizando mais sua contribuição.*
- * *Projetar uma estratégia de trabalho pastoral comum nas cidades.*
- * *Repensar as estruturas eclesiais, superando as formas culturais desatualizadas que temos adquirido ao longo dos séculos.*
- * *Sensibilizar a comunidade sobre as lutas sociais, apoiando os distintos movimentos sociais para promover uma cidadania ecológica e defender os direitos humanos.*
- * *Impulsionar uma Igreja missionária e evangelizadora, visitando e escutando a realidade presente nos novos bairros.*
- * *Atualizar a opção pelos jovens, procurando uma pastoral da qual eles mesmos sejam protagonistas.*
- * *Fazer-se presente nos meios de comunicação para evangelizar e promover as culturas originárias.*

DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

O diálogo ecumênico é um diálogo entre pessoas que acreditam em Cristo, que partilham suas vidas, lutas, preocupações e experiências de Deus, fazendo de suas diferenças um estímulo para crescer e aprofundar a própria fé.

Alguns grupos propagam uma teologia do progresso, do bem-estar e da prosperidade, baseados em uma leitura fundamentalista da Bíblia. Há tendências fatalistas que buscam inquietar e, com uma visão negativa do mundo, oferecem uma tábua de salvação segura. Uns pela via do medo e outros pela busca do êxito impactam negativamente os grupos amazônicos.

Em compensação, outros grupos estão presentes no meio da selva amazônica, junto aos mais pobres, realizando um trabalho de evangelização e educação; são muito atraentes para os povos, apesar de não valorizarem positivamente suas culturas. Sua presença tem permitido que ensinem e divulguem a Bíblia traduzida para as línguas originárias.

Estes movimentos se expandiram, em grande parte, pela falta da presença de ministros católicos. Seus pastores formaram pequenas comunidades com rosto humano, nas quais o povo se sente pessoalmente valorizado.

Outro fator positivo é a presença local, próxima e concreta dos pastores que visitam, acompanham, consolam, conhecem e oram pelas necessidades concretas das famílias. São pessoas como as outras, fáceis de encontrar, que vivem os mesmos problemas e se tornam “mais próximas” e menos “diferentes” do resto da comunidade.



Sugestões



- * *Buscar, por meio de encontros periódicos, elementos comuns para trabalhar juntos pelo cuidado com a Casa Comum e para lutar de maneira articulada contra as agressões externas e pelo bem comum.*
- * *Considerar quais aspectos do ser Igreja nos apontam novos caminhos para a Igreja amazônica e quais precisam ser incorporados.*
- * *Incentivar a tradução da Bíblia para as línguas originais.*
- * *Promover encontros com teólogos cristãos evangélicos.*

MISSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Um dos grandes desafios da Igreja é pensar sobre como situar-se neste mundo interconectado. Os meios de comunicação social de massa transmitem padrões de conduta, estilos de vida, valores e mentalidades influentes, veiculando uma cultura que tende a se impor e uniformizar nosso mundo interconectado.

É o problema da sedução ideológica da mentalidade consumista, que afeta sobretudo a juventude. Em muitos casos, os jovens são levados a não valorizar ou mesmo rejeitar sua própria cultura e tradições, aceitando de maneira acrítica o modelo cultural predominante. Isso provoca o desenraizamento e a perda da identidade.

A Igreja tem uma infraestrutura de mídia, sobretudo emissoras de rádio, que são o meio de comunicação principal. Os meios de comunicação podem ser um instrumento muito importante para transmitir o estilo de vida evangélico, seus valores e critérios. Também são espaço para informar o que ocorre na Amazônia, sobretudo a respeito das consequências de um estilo de vida que destrói e que é ocultado pelos meios de comunicação pertencentes a grandes corporações.

O mundo indígena mostra valores que o mundo moderno não tem. Por isso é importante que o empoderamento dos meios de comunicação chegue aos próprios nativos. Sua contribuição pode ter ressonância e ajudar na conversão ecológica da Igreja e do planeta. Trata-se de fazer com que a realidade amazônica saia da Amazônia e tenha repercussão planetária.



Sugestões



Já existem alguns centros de comunicação social com gestão dos próprios indígenas, que experimentam a alegria de poder expressar suas próprias palavras, sua própria voz, não somente para suas comunidades, mas também para fora.

- * Formação integral de comunicadores indígenas.*
- * Maior presença de agentes pastorais nos meios de comunicação de massa.*
- * Criação de novas emissoras de rádio.*
- * Aumentar a presença da Igreja na internet para que o mundo conheça a realidade amazônica.*
- * Articulação dos diversos meios de comunicação da Igreja e dos que trabalham em outras mídias, em um plano pastoral específico.*

O PAPEL PROFÉTICO DA IGREJA E DA PROMOÇÃO HUMANA INTEGRAL

A Igreja tem a missão de evangelizar, a qual implica ao mesmo tempo comprometer-se com a promoção e garantia dos direitos dos povos indígenas, esforçando-se para entender o que eles realmente necessitam. Na voz dos pobres está o Espírito; por isso, a Igreja deve escutá-los: são um lugar teológico. Ao escutar a dor, o silêncio é necessário para escutar a voz do Espírito de Deus. A voz profética implica silêncios profundos. Junto ao povo amazônico, a Igreja recria sua profecia, a partir da tradição indígena e cristã. O mundo amazônico pede à Igreja que seja sua aliada.

Ser Igreja profética significa também ver com consciência crítica uma série de condutas e realidades dos povos indígenas que vão contra o Evangelho, como os maus-tratos às mulheres e o abuso de poder dos líderes indígenas em algumas comunidades.

***A Igreja com rosto amazônico
não diz que há somente uma forma de acreditar em Deus,
de celebrar em Deus, mas que Ele é múltiplo,
porque múltiplas são as culturas.
Devemos encontrar essa semente de Deus semeada aí.***

Peggy Vivas – Missionária Maristas – Venezuela 54



Sugestões



- * *Escutar o grito da Mãe Terra gravemente ferida pelo modelo econômico de desenvolvimento predatório e ecocida, denunciando os modelos extrativistas que prejudicam o território e violam os direitos das comunidades.*
- * *Aliar-se aos movimentos sociais de base, para anunciar profeticamente uma agenda de justiça agrária que promova uma reforma agrária profunda, apoiando a agricultura orgânica e agroflorestal.*
- * *Promover a defesa e exigibilidade dos direitos humanos dos povos da Amazônia, das outras populações e da natureza, defendendo em especial as minorias mais vulneráveis.*
- * *Promover a dignidade e igualdade da mulher na esfera pública, privada e eclesial, combatendo a violência física, doméstica e psicológica, o feminicídio, o aborto, a exploração sexual e o tráfico, e lutar para garantir seus direitos e superar qualquer forma de estereótipo.*
- * *Promover uma nova consciência ecológica, que nos leve a mudar nossos hábitos de consumo e impulsionar o uso de energias renováveis, evitando materiais nocivos.*
- * *Assumir sem medo a implementação da opção preferencial pelos pobres na luta dos povos indígenas, comunidades tradicionais, migrantes e jovens, para configurar a fisionomia da Igreja amazônica.*
- * *Criar redes de colaboração nos espaços de incidência regional, global e internacional dos quais a Igreja participa organicamente, para que os próprios povos possam expressar suas denúncias à violação de seus direitos humanos.*

CONCLUSÃO

Nesta longa jornada do Instrumentum Laboris, escutamos a voz da Amazônia à luz da fé e tentamos responder ao clamor do povo e do território amazônico por uma ecologia integral e pelos novos caminhos para uma Igreja profética na Amazônia. Estas vozes amazônicas nos interpelam a dar uma nova resposta às diversas situações e a buscar caminhos que possibilitam um Kairós para a Igreja e o mundo, a serviço da vida plena e abundante para todos. Concluímos esta etapa sob a proteção de Maria, venerada e invocada de diversas maneiras em toda a Amazônia, para que este Sínodo seja expressão concreta da sinodalidade de uma Igreja em saída, a serviço dos pobres e da vida que Jesus veio trazer ao mundo.

*Cerremos el pasado que nos ha dolido.
Estamos en un nuevo tiempo, para eso estamos juntos,
para defender la tierra, los derechos, la vida.
Para eso estamos juntos
los pueblos amazónicos y la Iglesia.*

Anitalia Pijachi, pueblo Huitoto



Este DOCUMENTO DE TRABALHO (INSTRUMENTUM LABORIS) é o resultado de um longo caminho, de um esforço enorme de muitas mãos e corações; por isso, aqueles que fazem parte da missão cotidiana da Igreja na Pan-Amazônia e seus fraternos companheiros/as devem senti-lo como algo seu. É um documento oficial da Igreja, e isso nos permite aproveitá-lo para animar o mais importante: as possibilidades de mudança, de resposta mais profética e plausível, e de presença e acompanhamento à Pan-Amazônia e seus povos. Acreditamos firmemente que este documento, sabendo que não é algo finalizado, traz as sementes para que haja novos sinais e novas possibilidades diante da realidade que grita e expressa esperança. Convidamos você a usar esta versão simplificada do Documento de Trabalho com todos os seus grupos, comunidades, organizações, paróquias, povos e com quem quer que tenha um coração desejoso de servir a Pan-Amazônia. Não importa se você não vive neste território: este é um Sínodo com foco na Amazônia, mas para toda a nossa Igreja e para o mundo, confrontados por esta crise ambiental tão séria. Sugerimos algumas perguntas muito simples para trabalhar este documento:

1. Depois de ler este documento, quais elementos, conteúdos ou propostas têm mais eco em sua vida, seu coração e suas esperanças no trabalho na Amazônia? E quais coisas são absolutamente imprescindíveis para o futuro da Amazônia e de seus povos, mas não estão presentes no documento ou você acredita que deveriam estar?

2. Depois de refletir e discutir em grupo este documento, imagine que você está com todos que participarão com o Papa Francisco da fase final do Sínodo, em Roma. O que você lhes diria que é mais importante e urgente, e que não podem esquecer nem deixar de fora quando estiverem tomando decisões neste momento tão importante, para o qual levam nossas esperanças e vozes para a discussão em Roma?

Se quiser escrever as respostas para estas questões, sugerimos que priorize uma resposta para cada pergunta e envie para a Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM, e nós a faremos chegar aos participantes deste momento de conclusão do Sínodo. É importante que nos envie a resposta ANTES DE 30 DE AGOSTO, para este e-mail:

sinododelamazonia@redamazonica.org

Dá-nos, Deus Pai e Mãe da vida, a graça de tirarmos nossas sandálias, porque esta terra da Amazônia e seus povos, e tudo que nela expressa vida e possibilidade de plenitude comunitária, é terra sagrada onde Deus habita, e desde onde nos fala no Espírito Santo, na Ruah divina, que se faz vento doador de vida incessante.